

INSPIRAÇÃO EM VERSO E PROSA

A cidade criada por Juscelino Kubitschek, de geometria e espaços públicos singulares, e o modo de viver dos brasilienses são um estímulo para cantores, cineastas, atores, bailarinos e poetas locais

JOÃO CAMPOS

Gustavo Moreno/CB/DA Press

Brasília inspira. E na inquietude criativa de artistas locais se transforma em versos, filmes, movimentos, peças e melodias. No dia do 49º aniversário da capital, o *Correio* mostra o trabalho de cinco brasilienses — de nascimento ou coração — que produzem arte na cidade e sobre a cidade. Brasília é tudo o que os cerca. E, para eles, tudo ao redor serve como estímulo para retratar o lugar onde vivem de uma forma diferente. Com a propriedade de quem vive e pensa esse arranjo de concreto no meio do cerrado, eles não escondem a paixão e se sentem à vontade para falar (bem ou mal) da quase cinquentenária capital e das sensações que ela provoca.

Em que parte do corpo você colocaria o Congresso Nacional? A Catedral? As analogias entre monumentos da cidade e o corpo humano constam entre as provocações que a coreógrafa e diretora da companhia Anti Status Quo (ASQ), Luciana Lara, usou para dançar Brasília. “Partimos de sentimentos e sensações individuais que os componentes do grupo sentiam ao andar, observar a cidade”, comentou. A liberdade dada aos bailarinos durante a criação do espetáculo *Cidade em Plano* refletiu na livre interpretação do público. “Alguns colocaram o Congresso na cabeça, o que pode simbolizar a razão. Outros nas costas, que pode remeter ao peso de carregar o poder”, exemplificou a carioca.

Para a montagem, que estreou em 2005, a ASQ fez uma pesquisa diversificada sobre a história da capital. “Queríamos mostrar o que tem por baixo dessa Brasília vendida aos turistas. Ir embaixo da casca dessa cidade tão peculiar”, disse a coreógrafa. Para sentir Brasília no corpo, os dançarinos percorreram lugares, como praças e descampados, da capital.

Irreverência

Falou em Brasília como inspiração, pensou em Nicolas Behr. Na irreverência de sua pessoa, o poeta decreta: “Faço poesia por causa de Brasília. E, para o bem ou para o mal, a poesia é a minha salvação”. Desde que chegou à capital, em 1974, aos 14 anos, a cidade virou sua musa e seu tormento. “Temos uma relação de amor e ódio. Mas é a junção dos dois que forma a paixão”, declama o artista. Ele já perdeu as contas de quantos versos sobre a cidade colocou no papel. São centenas. E durante a entrevista, o autor da coletânea *Poesília* entregou à reportagem poemas inéditos. Alguns em tom ácido: “Brasília foi construída para ser destruída. Aos poucos. Exatamente como estamos fazendo”.

Na teia da criação, as obras se confundem, se complementam. Em 2007, poemas de Nicolas integraram o texto da peça *De Carne, Osso e Concreto*, da atriz e diretora de teatro Adriana Lodi. O trabalho, resultado de uma oficina no Espaço Cultural Renato Russo, na 508 Sul, nasceu da vontade de interpretar Brasília. E na capital que se traveste de obra de arte, com seus monumentos e urbanismo singulares, Adriana e 16 atores mergulharam fundo na história. “Queríamos levar para o palco desde a saga dos candangos aos costumes da juventude que hoje movimenta a cidade”, contou a carioca.

“Véi”

O cineasta Érico Cazarre também se inspirou no comportamento da juventude de classe



ADRIANA, ÉRICO, NICOLAS, LUCIANA E CLÁUDIO (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) SÃO ARTISTAS E MOSTRAM O QUANTO LUGARES, COMO A RODOVIÁRIA DO PLANO PILOTO, INFLUENCIAM A ARTE QUE PRODUZEM

DEPOIMENTOS//

No 49º aniversário de Brasília, artistas da cidade dizem o que dariam de presente e o que gostariam de eliminar da cidade que os inspira.

ADRIANA LODI,
37 anos, atriz, moradora da Asa Sul.

Daria um investimento real na produção cultural e tiraria esse trânsito caótico, que não combina com a cidade.

NICOLAS BEHR,
50 anos, poeta, morador do Lago Norte.

Daria um transporte público decente e transferiria a capital. Esse conceito de uma cidade do topa-tudo-por-um-acordo estraga esse lugar.

LUCIANA LARA, coreógrafa, 39

anos, moradora do Sudoeste.

Daria artistas mais valorizados pela população e pelas políticas públicas e tiraria as televisões. As pessoas têm que aproveitar a cidade.

CLÁUDIO BULL,
40 anos, músico, morador da Asa Sul.

Gostaria que as pessoas daqui dessem mais valor às produções da cidade. Tiraria esse sistema de transporte falido.

ÉRICO CAZARRÉ,
26 anos, cineasta, morador da Asa Norte.

Daria uma população que valorizasse mais a cidade onde vive. Não tiraria nada. A cidade não precisa ser perfeita.

média de Brasília para filmar o média metragem *Véi*. O roteiro — feito em parceria com o irmão e ator brasiliense Juliano Cazarre — parte do fato de que, apesar de terem acesso a tudo, jovens burgueses da cidade insistem em se comportar como marginais. “Não deixa de ser uma crítica a uma realidade que esteve perto de mim durante a adolescência, a geração ‘véi’. Daí montamos uma ficção com personagens que encarnam esses moradores”, contou ele, que pretende lançar a película até julho.

Assim como o cineasta, o vocalista da banda Superquadra, Cláudio Bull, se inspira no cotidiano da capital para compor. Para o roqueiro experimental, a vocação política do rock de Brasília ficou na década de 1980. “Procuramos falar sobre coisas

comuns, como a pessoa que acorda apaixonada ou para ir ao trabalho”, disse.

Referências a Brasília estão em boa parte das letras desse mineiro de Juiz de Fora, a começar pelo nome da banda. Na música *Atmosfera*, do CD *Minimalismo Tropical*, a cidade aparece numa letra que fala sobre um relacionamento amoroso - “As luzes que vibram distorcidas nas águas do Lago Paranoá. Quem vai me levar pela noite de Brasília (...)”. Na canção *2, 3 Baladas*, a bola da vez é a garota mais bonita da Asa Sul, outra, recém-criada, recebeu o nome de *Miss Satélite*. “Nossa música é uma forma de dialogar com as pessoas daqui. Só quem vive aqui sabe o que é Brasília”, observou o músico, que mora na Asa Sul há duas décadas e não pretende se mudar. “O rock combina com o concreto”, concluiu.